

Um conjunto de Faianças da Vila de Alcoutim ¹

Alexandra Gradim *

ABSTRACT

This study presents a group of faiences from the village of Alcoutim. The chosen collection was found in a noble modern house and contributes to new information to knowledge of dating and classification of tin-glazed earthenware. Typologies for the forms and decoration of these 15th until 18th even 19th century ceramics, produced in Portugal or imported from Spain and Italy, are presented.

INTRODUÇÃO

Durante o ano de 1996, executou-se um projecto de remodelação da “Casa dos Condes”. O conjunto de faianças que seleccionámos para o presente trabalho provém do seu interior.

Este espaço habitacional da Vila de Alcoutim foi sujeito a obras de transformação para aí albergar um núcleo cultural da autarquia, composto por uma biblioteca/videoteca, uma sala de exposições temporárias, um espaço internet e uma área para trabalho dos seus funcionários da Divisão Social, Cultura e Desporto. As obras executadas interferiram com dez das divisões pré-existent, a saber (Fig.1):

- Salas 8 e 4 – entre estas duas divisões construiu-se uma nova, para servir de instalação sanitária do gabinete instalado na sala 4. As paredes do compartimento n.º8 foram derrubadas;
- Na sala 1 houve um ligeiro rebaixamento e implantação de um pilar;
- Sala 2, houve alguns rebaixamentos;
- As salas 3, 11, 12, 14, 18 e 22 foram as que sofreram maiores interferências, tendo sido criada neste espaço uma “mezanine”, eliminando todas as paredes separadoras e rebaixando o subsolo.

O projecto de execução da obra não condicionou os trabalhos a qualquer tipo de investigação arqueológica. De resto, o processo iniciou-se antes da constituição dos serviços de arqueologia autárquicos. Como era uma obra camarária numa área de tradição histórica, foram dadas instruções ao empreiteiro para recolher o máximo possível de objectos nas áreas intervencionadas, separando-os pelas respectivas salas, com indicação do número que constava da planta de execução. Algumas das salas como passaram a um só compartimento, ficaram agrupadas. É o caso das salas 8/4 e 18/22 e das três salas 11, 12 e 14 que passaram a ter apenas a designação de 12.

* Arqueóloga da Câmara Municipal de Alcoutim.

¹ O estudo deste conjunto foi por nós efectuado em 2004, no âmbito de um trabalho académico para o Seminário de Arqueologia do Curso de Pós-Graduação em Arqueologia e Património, da Universidade Nova de Lisboa.

Perdido que estava o contexto estratigráfico e o enquadramento cronológico que uma investigação científica teria permitido, apenas nos restava o estudo dos materiais exumados, como fonte de compreensão do quotidiano de uma população urbana. Para este conhecimento em muito contribuem os resultados que as cerâmicas aportam, como materiais mais abundantes e demonstradores de acções que reflectem comportamentos socioculturais e económicos importantes.

A escolha das faianças como objecto de estudo pareceu-nos capaz de produzir dados reveladores da ocupação moderna da Vila de Alcoutim, proporcionando simultaneamente um contributo, por singelo que este seja, no conhecimento das faianças produzidas em Portugal no período moderno, ou comercializadas através de importação.

1. CONTEXTO HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICO

A “Casa dos Condes”, assim designada por se associar o imóvel ao local de habitação dos Condes de Alcoutim, Marqueses de Vila Real, situa-se na zona ribeirinha da vila, na área da praça medieval (Fig. 2 e 3).

O edifício apresenta um certo estilo apalaçado e dimensões que, para a vila, lhe conferem alguma monumentalidade. A sua construção, forçosamente posterior ao enlace, em finais do século XV, de Maria Freire de Andrade e D. Fernando de Menezes (2º Marquês de Vila Real e 1º Conde de Alcoutim), deve ter ocorrido já no século XVI, tendo sofrido alterações no século XVII.

Devido ao desnível que a rua apresenta (fig. 3) e de forma a altear e uniformizar o nível de circulação térreo dos diferentes compartimentos da casa, no momento da construção do edifício foram colocados espessos entulhos, tendo sido maioritariamente neste nível estratigráfico que foram recolhidos os materiais.

Na sala 3, foram detectados dois muros que sustentavam o pavimento de madeira, de modo a criar uma caixa-de-ar. Os muros designados como muro 1 e muro 2, possuíam ambos orientação Este/Oeste, tendo sido construídos em alvenaria de pedra. Foi dada indicação ao empreiteiro para recolher igualmente os materiais do seu interior.

2. METODOLOGIA

O espólio arqueológico recolhido na Casa dos Condes, sofreu o tratamento usual de limpeza, marcação e contagem. Após termos agrupado os fragmentos cerâmicos pelas suas características tecnológicas e procedido às possíveis colagens, pudemos então isolar as faianças que são o objecto deste estudo.

Foi seleccionado um conjunto de fragmentos, abrangendo todas as salas e que representa 18% do total das faianças exumadas no edifício. A realização do desenho² revelou-se um instrumento fundamental na reconstituição das formas. A fotografia afigurou-se-nos um meio de valorizar os aspectos decorativos das peças, assim como de permitir evidenciar alguns aspectos encontrados em paralelos.

Estando perante um corpus de materiais que se nos apresentava extremamente fragmentado, com uma total ausência de perfis completos, a que acrescia ainda a inexistência estratigráfica como elemento de datação, procurámos organizar a amostra que serve de base a este estudo, começando por uma análise dos aspectos tecnológicos seguida da análise decorativa.

Num universo que totaliza 272 fragmentos, tornou-se necessário como ponto de partida, delimitar um grupo para o actual trabalho. Foram seleccionados 37 fragmentos que após colagens ficaram resumidos a 31.

² Todos os desenhos dos fragmentos seleccionados como amostragem do actual estudo, foram executados por Fernando Dias.

Para a recolha de dados no conjunto em análise, encetamos a investigação pesquisando elementos nos estudos publicados sobre faianças, procurando deste modo obter uma sistematização de tipologias e cronologias.

A pesquisa bibliográfica abarcou vários artigos sobre intervenções arqueológicas e consequente estudo de materiais, assim como vários catálogos de museus e livros relativos ao tema. Este processo, executado de forma sistemática e mais vasta possível, permitiu-nos identificar evoluções na cerâmica nacional e importada.

No tratamento dos materiais analisamos as pastas numa observação macroscópica dos seus constituintes e consideramos a textura, dureza e cor (tendo por base a tabela de Munsell), não descurando os aspectos das transformações sofridas com a cozedura. No acabamento das peças examinamos não só a cor, extensão e qualidade do vidrado estanhífero, como também os motivos, cores e técnicas utilizadas na decoração.

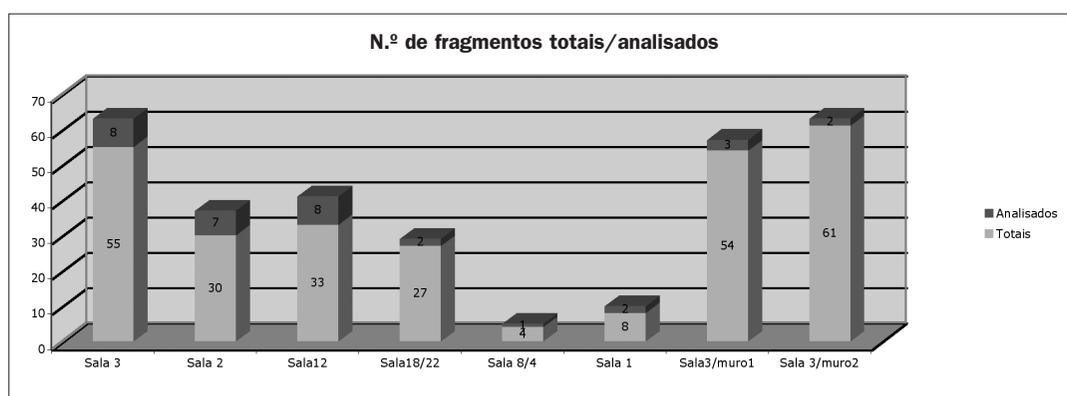
Para a realização do catálogo de peças, debatemo-nos com a pouca uniformidade existente no tocante à terminologia usada nas descrições por parte dos diversos autores. Enquanto uns privilegiavam os aspectos relativos à história de arte, estudando colecções museológicas com características excepcionais a partir de critérios estéticos e artísticos, outros abordavam as particularidades dos acervos arqueológicos, definindo normas adaptáveis aos estudos específicos que realizavam. Recolhemos, nestes dois universos díspares, elementos que nos permitissem descrever, o mais exaustivamente possível, o nosso conjunto.

Por fim, organizámos os dados a partir da nomenclatura das formas, pela definição de uma tipologia e a interpretação funcional de cada tipo. Procurámos após a comparação de grupos de pastas, decorações e fabricos, uma identificação cronológica e geográfica que nos indicasse a integração cultural das peças e nos permitisse perceber, dentro de balizas temporais, a utilização, distribuição e circulação das faianças em estudo.

3. O CONJUNTO CERÂMICO

A quantificação das cerâmicas arqueológicas, conforme outros referiram antes de nós, é um problema complexo, onde as respostas não são de forma alguma óbvias. São múltiplas as questões que se levantam quer na definição da amostragem quer na selecção do método de avaliação do número de cerâmicas (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998, p. 147).

Tendo por base uma contagem sistemática de fragmentos óptimos, por razões práticas e de alargamento do universo ao espaço da proveniência, por seleccionar um grupo que abrangesse todas as salas onde se recolheram cerâmicas (Quadro 1). Procurámos de igual modo, que o conjunto fosse representativo das formas e cronologias do universo em análise.



Quadro 1

3.1 As formas, as pastas e as decorações

Dentro do grupo de faianças estudadas, predominam as formas abertas e à semelhança do relatado na bibliografia consultada, são os pratos, as tigelas, os alguidares e bacios as formas mais comuns, com particularidade incidência para as duas primeiras (Fig. 5).

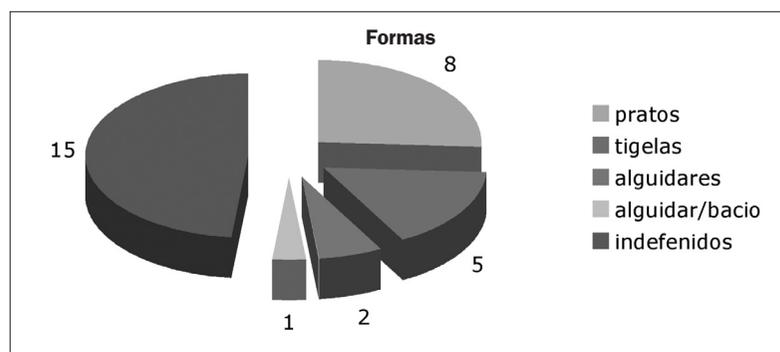
Nos pratos, grupo maioritário, os bordos são de secção semicircular, com abas planas ou oblíquas, de paredes oblíquas e abertas, assentando em fundos côncavos com pé baixo e anelar. Tendo como referência o quadro de perfis (Fig. 5), das formas básicas para as Faianças Portuguesas (1ª met. Séc. XVI/XIX), recolhidas em bibliografia por um investigador brasileiro (Albuquerque, 1991, pp. 104-108), em Alcoutim, são as formas 1, 5 e 6 que predominam.

Nas tigelas (termo pelo qual optámos, apesar de conscientes que muitos autores preferem o termo taça ou escudela) os bordos são de secção em quarto de círculo ou semicircular, o corpo é hemisférico e os fundos terminam em pé anelar. Os perfis apresentam assim semelhanças com as formas 6 e 7 do quadro em referência (Fig. 5). Dentro deste grupo incluímos a peça n.º 18 que preferimos neste caso denominar taça, pela sua origem importada, pelo seu reduzido diâmetro (a que o paralelo encontrado nos remete) e finas paredes.

Os alguidares possuem bordos extrovertidos, corpo troncocónico e base possivelmente côncava. Há ainda a assinalar um bacio (e fragmentos de outro/os) de aba horizontal e secção subrectangular com corpo também ele troncocónico

Um conjunto significativo de fragmentos não pôde ser associado com precisão a qualquer tipo formal (Quadro 2), devido ao seu reduzido tamanho. A maioria levanta dúvidas quanto à sua exacta forma. Alguns fragmentos (n.º 21 e 22) apontam para uma forma aberta, o seu diâmetro e tipologia do fundo é compatível com alguns exemplares de alguidares sevilhanos coligidos no artigo de Carredano e Jiménez (Carredano e Jiménez, 1993, pp. 314-315). O mesmo sucede com os fragmentos nº 25 a 28 que apontam igualmente para uma forma aberta. Apresentam grande similitude formal e decorativa com os exemplos de bacios apresentados pelos mesmos autores (Carredano e Jiménez, 1993, p. 316, fig. 122 R e 124 R).

Todas as peças foram realizadas a torno rápido e observam-se caneluras em algumas.



Quadro 2

As pastas apresentam-se depuradas e porosas, de cor branca amarelada (Munsell 2.5Y8/3, maioritariamente). Aparecem pontualmente elementos não plásticos com diâmetro não superior a 1 mm e na maioria inferiores a 0,5 mm. Estas impurezas são geralmente de óxido de ferro vermelho, castanho ou preto. O engobe é da cor da pasta e é geralmente coberto em ambas as faces de esmalte estanhífero branco opaco e brilhante, mas, por vezes, irregular e de espessura fina. Durante a cozedura oxidante sucedeu em algumas peças a colagem de outras ou pedaços de barro, sendo ainda comum a presença de pequenas bolhas e fendas de ar.

Os padrões decorativos identificados tiveram por base a sistematização de vários estudos, nacionais e internacionais. Constituídos sobretudo por motivos geométricos ou composições vegetalistas. As cores utilizadas são o azul e o branco, branco azul e verde, branco com escorridos em verde e manganês e ainda o branco e azul com contorno em tom vinoso. Nas faianças de Alcoutim gostaríamos de destacar alguns dos motivos mais comuns ou particulares em colecções e contextos arqueológicos.

– Motivo das “três contas” (Fig. 6)

Encontramos este motivo em Palmela, no Brasil, em Vila Flor e em S. João de Tarouca. Segundo os investigadores deste mosteiro, onde ele é frequente, refere-se a uma família ornamental caracterizada por três círculos a manganês preenchidos a azul e dispostos em “pirâmide” emolduradas por duas ou mais listas a azul (Castro e Sebastian, 2002, p. 168).

– Motivo dos semicírculos (Fig. 7)

Este motivo também designado por “meias-luas” concêntricas, apresenta um número variável de semicírculos foi identificado na tipologia de Pendery (Pendry, 1999) como pertencente ao tipo **a**, e existentes igualmente no tipo **j**. Há fragmentos no Porto, Palmela, Évora e Brasil.

– Motivo dos “gomos” (Fig. 8)

No Porto, com base no espólio da Casa do Infante, foi feito um estudo alargado a este tipo (Sá, 2002). Caracteriza-se por linhas verticais espessas envolvidas por uma linha ovalada mais fina, com remates diversificados. Além do Porto detectámos no Funchal uma peça.

Uma grande diversidade de motivos, apenas se puderam localizar por aproximação, aos existentes em peças de colecções museológicas ou estudadas em intervenções arqueológicas. São disso exemplo, os motivos dos pratos n.ºs 7, 8, 9 e 10 do catálogo, para os quais identificámos paralelos em dois pratos (n.ºs 20 (fig. 9) e 23 (fig. 10)) da colecção da Casa Guerra Junqueiro, no Porto, ou dos alguidares (?) e tigelas (?) n.ºs 16, 21, 22 e 30 do catálogo, cuja decoração se assemelha muito aos motivos zoomorfos e vegetalistas descritos pelas arqueólogas responsáveis pela intervenção no Convento del Cármen, em Sevilha (fig. 11).

3.2 Integração cultural e cronológica

A pesquisa bibliográfica sistemática, permitiu-nos encontrar na faiança estudada dois grupos: um de produção nacional, que ocorre entre o século XVI e o XVIII, e um segundo de importação, cujos centros produtores apontam para Sevilha e Veneza. As peças da Andaluzia abarcam desde o século XV ao XIX e as de Veneza entre o século XVI ao XVII.

No âmbito das produções portuguesas identificámos 13 fragmentos, os quais parecem pertencer a 8 tipos de peças criadas numas das oficinas que laboraram desde o século XVI ao XIX (Albuquerque, 1991, p. 66) em Portugal (fig. 12).

No prato com o motivo das “contas”, n.º1 do catálogo, existem semelhanças formais e decorativas com duas peças da Rua Frei Luís Jerónimo de Brito em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 232 e p. 254: fig. 196 e 197), atribuíveis ao séc. XVII/XVIII. Em Vila Flor no Brasil, existem igualmente peças a que o autor atribui uma cronologia situada entre os 2ºe 3º quartéis do séc. XVII (Albuquerque, 1991, p. 78 e 83). Em S. João de Tarouca os paralelos apontam para a 2ª met. do séc. XVII (Castro e Sebastian, 2002, p. 168).

Em pratos como os n.ºs 2 e 3 encontrámos semelhanças decorativas e formais em uma peça da Rua de Nenhures, nº 117, em Palmela (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 230 e p. 251: fig. 169). A cronologia atribuída é século XVII/XVIII.

Os pratos n.ºs 4 e 5 apresentam paralelos numa peça do Catálogo do Ateneu Comercial do Porto provenientes de uma colecção legada por Arthur Sandão (Calado, *et alli*, 1997, p. 25). Um fragmento de prato idêntico em forma e decoração foi exumado na Praça Cristóvão Colombo no Funchal (Gomes e Gomes, 1998, p. 330 e 332, fig. 13 (P1/C2-6)). Este tipo de fragmentos são cronologicamente enquadráveis na primeira metade do século XVII e provinham muito provavelmente das olarias de Lisboa, nomeadamente das zonas dos Anjos, Santos-o-Velho e de Santa Catarina, conforme afirmam Rosa e Mário Varela Gomes no seu artigo (Gomes e Gomes, 1998, p. 343). No estudo efectuado na Casa do Infante pela investigadora Anabela Sá, ainda inédito, a autora atribui esta tipologia ao 1º terço do séc. XVII (Sá, 2002, p. 27).

Para o prato com os motivos dos círculos, n.º 6 do catálogo, encontram-se bons paralelos desta peça em termos formais e decorativos em duas peças exumadas em Palmela, uma na R. da Misericórdia e outra no Convento dos Capuchos (Fernandes e Carvalho, 1998, p. 232 e p. 254: fig. 199 e 200), ambas referidas como pertencentes ao séc. XVII/XVIII. Em Évora, uma peça do séc. XVI-XVII dos jardins do Palácio dos Duques de Cadaval (Teichener, 1998, p. 30 e 31, fig. 14, nº 8) e no Porto, na Casa do Infante (Barreira, Dórdio e Teixeira, 1998, p. 154, fig. 16), os autores datam-na do 1º quartel séc. XVII.

Os pratos n.ºs 7 e 8 e provavelmente o 10 inscrevem-se no tema dos pratos com decoração em “reservas” que no Porto são enquadrados no 1º quartel do séc. XVII (Dórdio, Teixeira e Sá, 2001, p. 140-141, fig. 8). Já no paralelo por nós encontrado no catálogo da faiança da Casa-Museu Guerra Junqueiro (Calado, 2003, p. 66, nº 20), o autor atribui-o ao 2º quartel do séc. XVII.

A tigela n.º 13 do catálogo, apresenta semelhanças decorativas com uma peça do séc. XVII exumada no Convento de Aracoeli, em Alcácer do Sal (Paixão, Faria e Carvalho, 1994, p. 252, fig. 89).

As tigelas n.ºs 11 e 12 do catálogo apresentam possível paralelo num prato do 2º quartel do séc. XVII (1625-1650), descrito por Jan Barrt. O prato apresenta inscrição semelhante no centro (Baart, 1987, p. 81, fig. 39). A letra R é muito frequente no tardo das peças, como indicador da origem de fabrico, caso da fábrica Vale da Piedade (Rossi), nos finais do século XVIII.

O prato n.º 9, característico do “desenho miúdo”, meados do séc. XVII, apresenta semelhanças decorativas e formais num prato da Casa-Museu Guerra Junqueiro (Calado, 2003, p. 72, n.º 23).

No grupo das importações, as que melhor se encontram estudadas são as italianas, n.ºs 18 e 28 do catálogo. A peça 18 parece ser uma produção veneziana e apresenta semelhanças, temáticas e técnicas, numa taça baixa (*coppa*), da segunda metade do século XVI, encontrada no poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1998, p. 186-187, fig. 36 - SILV.1-121). Encontrámos um bom paralelo, tanto formal como decorativo, numa taça de Palmela, datada do séc. XVI-XVII (Fernandes e Carvalho, 1998, 233 e 255, fig. 203). Para a n.º 28 verificámos semelhanças formais e decorativas com as taças e pratos produzidos pelas oficinas de Veneza (Gomes, 1998, p. 187-189) ou Faenza (prato de Siena - Gomes, 1998, p. 189), no séc. XVI.

Os restantes 14 fragmentos parecem provir dos centros da Andaluzia, mais concretamente de Sevilha, mas muitas dúvidas subsistem, devido à reduzida divulgação de dados que se tem produzido neste campo. No entanto, encontrámos alguns paralelos na bibliografia consultada. Assim a tigela com o n.º 11, que possui uma decoração à base de escorridos verdes, apresenta semelhanças decorativas com uma peça exumada no poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, pp. 162-163, fig. 16), e que segundo os autores terá sido produzida desde o séc. XVI.

Para o bacio n.º 23, e para os fragmentos de possíveis bacios (nº 24 a 27), existe grande similitude com os exemplos produzidos em Sevilha (Triana) apresentados na tipologia elaborada por Fernando de Amores Carredano e Nieves Chisvert Jiménez (Carredano e Jiménez, 1993, p. 316, fig. 122 R e 124 R), enquadráveis nos sécs. XVIII/XIX.

Nos fragmentos n.ºs 16, 21, 22 e 30 encontrámos paralelos em fragmentos provenientes do Porto, Castelo de S. João da Foz ou Convento de S. Bento da Vitória, (Dórdio, Teixeira e Sá, 2001,

p. 133, fig. 6); também no Castelo da Foz (Osório e Silva, 1998, p. 299 e 310; est. IX, n.º 11). A sua produção deve-se muito provavelmente aos centros oleiros de Sevilha no séc. XVI. Em Sevilha há igualmente possíveis paralelos no Convento del Cármen (Muñoz e Cambra, 1999, pp. 161 e 162, fig. 4) que apresentam a cronologia de séc. XVI/XVII.

Para o fragmento n.º 17 encontrámos possíveis paralelos decorativos em jarras e jarros de Sevilha no Convento del Cármen (Muñoz e Cambra, 1999, p. 163 fig. 7 e 8) atribuíveis ao séc. XVI/XVII.

E para finalizar, no fragmento n.º 29 do catálogo encontrámos paralelos num do séc. XVI proveniente do Porto, Castelo de S. João da Foz ou Convento de S. Bento da Vitória, (Dórdio, Teixeira e Sá, 2001, p. 133, fig. 6), e num prato proveniente do poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, p. 17 3 - Silv.1-50), tendo muito provavelmente sido produzido em Sevilha no séc. XV/1ªmet. do séc. XVI.

3.3 Catálogo

N.º 1 - Prato - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 13)

Fragmento contendo porção de bordo. Este é boleado, com lábio de aba plana e paredes côncavas. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), bem depurada, porosa e com elementos não plásticos finíssimos. Superfície externa esmaltada a branco de tom amarelo, espesso. Superfície interna esmaltada a branco com tom amarelo, espesso, com decoração organizada em banda delimitada por duplo filete azul claro na parte superior e um só filete na parte inferior. No interior apresenta um motivo decorativo designado como “contas”, caracterizado por três círculos, definidos por traço manganês e ponteados em tons de azul cobalto, dispostos em “pirâmide” e geralmente emoldurados por duas ou mais listas a azul .

Diâm. 146 mm **Esp. bordo:** 3 mm **Esp. parede:** 9 mm

N.º 2 - Prato - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 14)

Fragmentos compreendendo porção de bordo. Este é espessado com lábio semicircular, demarcado exteriormente por incisão. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y. 8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, apresentando pequenas bolhas de ar e fendas, assim como algumas impurezas constituídas por óxidos de ferro castanhas. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa, com decoração geométrica de linhas concêntricas envolvendo um motivo fitomórfico central com variantes de tonalidades de azul cobalto na face interna. A parte superior do bordo encontra-se decorada por traços largos e curtos oblíquos.

Diâm. 190 mm **Esp. bordo:** 8 mm **Esp. parede:** 5 mm

N.º 3 - Prato - Inv.C.C.96/S12 (Fig. 15)

Fragmento contendo porção de bordo. Este é espessado com lábio semicircular e foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8.2), bem depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa, verificando-se mesmo uma lacuna. Apresenta decoração geométrica de linhas concêntricas em tonalidades de azul cobalto na face interna. A parte superior do bordo encontra-se decorada por traços largos e curtos oblíquos. Fragmento em tudo semelhante ao descrito no número anterior deste catálogo.

Diâm. 186 mm **Esp. bordo:** 7 mm **Esp. parede:** 5 mm

N.º 4 - Prato - Inv.C.C.96/S2 (Fig. 16)

Fragmento contendo porção de covão. O fundo côncavo assenta em pé baixo e anelar. Entre o pé e a caldeira oblíqua observa-se uma pequena carena. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos de grão fino, apresentando minúsculas bolhas de ar e fendas, assim como algumas impurezas constituídas por óxido de ferro preto. Ambas as superfícies se encontram cobertas a esmalte branco e muito brilhante, sobre o interior foram pintados motivos decorativos de cor azul cobalto. Na parte externa o esmalte é pouco espesso e irregular. A superfície interna apresenta no centro do fundo uma decoração com motivos fitomórficos, integrados em cartela definida por três linhas circulares concêntricas. A caldeira está preenchida por uma cerrada teoria de pétalas longas de provável inspiração renascentista, ligeiramente oblíquas, com nervura central larga. Este padrão é igualmente definido pela equipa da Casa do Infante no Porto por “gomos”, apresentando-se como um tema de linhas verticais espessas envolvidas por uma linha ovalada mais fina (Sá, Anabela P. e Dórdio, Paulo, no prelo).

Diâm. 126 mm **Esp. bordo:** 5 mm

N.º 5 - Prato - Inv.C.C.96/S12 (Fig. 17)

Fragmento contendo porção de aba com bordo e caldeira. O bordo com secção semicircular une-se a uma aba oblíqua. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/4), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos de grão fino, apresentando pequenas bolhas de ar e fendas. Apresenta a particularidade de possuir uma grande lâmina de xisto, inserido no bordo, visível na zona de fractura. Ambas as superfícies se encontram cobertas a esmalte branco e brilhante, no interior foram pintados motivos decorativos de cor azul cobalto. Na parte externa o esmalte é pouco espesso e irregular. O bordo é demarcado por linha larga e a aba e caldeira estão preenchidas por uma cerrada teoria de pétalas longas de provável inspiração renascentista, ligeiramente oblíquas, com nervura central larga. O padrão dos “gomos” simples de linhas verticais espessadas por uma linha ovalada mais fina que ascende neste caso à superfície superior sendo interrompida pela linha paralela e larga do bordo. Fragmento em tudo idêntico ao anterior, apresentando a nível formal e tipológico os mesmos tipos de paralelos.

Esp. bordo: 5 mm

N.º 6 - Prato - Inv.C.C.96/S3/M2 (Fig. 18)

Fragmento contendo porção de bordo. Este é de secção semicircular. Foi fabricado com pasta branca amarelada (10YR.8/3), bem depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa, com decoração geométrica constituída por parte de seis semicírculos concêntricos em tons de azul claro na face interna. Este tema das seis meias luas concêntricas é muito comum em abas de pratos ou preenchendo a totalidade do mesmo, tendo sido identificado na tipologia de Pendery (Pendery, 1999), como pertencente ao tipo **a**, e existentes igualmente no tipo **j**.

Esp. bordo: 5 mm

N.º 7 - Prato - Inv.C.C.96/S1 (Fig. 19)

Fragmento contendo porção de fundo. Este é côncavo e assenta em pé baixo e anelar. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/2), depurada e porosa e com elementos não plásticos finos e minúsculas bolhas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa, com decoração organizada provavelmente em frisos ou reservas com figuras geométricas de linhas verticais e concêntricas em tons de azul cobalto, separadas por filete duplo azul, na face interna.

Diâm. 128 mm **Esp. fundo:** 5/7 mm

N.º 8 - Prato - Inv.C.C.96/S3/M1 (Fig. 20)

Fragmento contendo porção de fundo. Este é côncavo e assenta em pé baixo e anelar. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/4), depurada e porosa. Possui elementos não plásticos finos, minúsculas bolhas de ar e algumas impurezas de óxido de ferro castanho escuro. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa, com decoração vegetal estilizada separada por filete em tons de azul cobalto na face interna. Peça muito semelhante à anterior.

Diâm. 100 mm **Esp. fundo:** 5/7 mm

N.º 9 - Prato (?) - Inv.C.C.96/S12 (Fig. 21)

Fragmento contendo porção de parede provavelmente de caldeira e aba. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos apesar de se detectarem algumas pequenas impurezas de óxido de ferro preto. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa. Apresenta na face interna, decoração com motivos vegetais constituídos por flores na aba, sendo a caldeira ocupada por uma faixa branca limitada por filetes duplos em tons de roxo vinoso de manganês, sobre aguada azul. Esta decoração, de inspiração chinesa, delicadamente desenhada a roxo vinoso de manganês e pintada em tons de azul cobalto é vulgarmente conhecida por *desenho miúdo*. A parte externa é decorada com elementos ornamentais vegetalistas a azul cobalto.

Esp. parede: 11 mm

N.º 10 - Prato (?) - Inv.C.C.96/S3/M2 (Fig. 22)

Fragmento contendo porção de fundo. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, possuindo minúsculas bolhas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso na parte externa, com decoração de temática vegetalista constituída por arbusto, folhagens ou flores em tons de azul cobalto na face interna.

Esp. parede: 5 mm

N.º 11 - Tigela - Inv.C.C.96/S2 (Fig. 23)

Fragmento contendo porção de fundo e parede. O fundo é anelar e a parede curvo-convexa. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/4), depurada, porosa, possuindo vazios provocados por bolha de ar que se apresentam irregulares e de frequência moderada, assim como algumas impurezas constituídas por óxido de ferro preto. Os elementos não plásticos são finíssimos. As superfícies encontram-se cobertas a esmalte esbranquiçado amarelado, pouco espesso e irregular na parte externa e juntando na face interna escorridos de cor verde e tons a manganês. O fundo apresenta decoração geométrica com motivo circular. A peça apresenta marcas no lado externo de encosto de outra peça durante a cozedura e no lado interno verificam-se sinais de “craclé” no vidro o que denota a fraca qualidade da peça. Apresenta semelhanças decorativas com uma peça exumada no poço-cisterna de Silves (Gomes e Gomes, 1996, fig. 16, pp. 162-163).

Diâm. 72 mm **Esp. fundo:** 17 mm **Esp. parede:** 14 mm

N.º 12 - Tigela - Inv.C.C.96/S2 (Fig. 24)

Fragmento contendo porção de bordo e parede. Este é extrovertido sendo o lábio com secção em quarto de círculo, o corpo é hemisférico. Foi fabricado com pasta rosada (10R.8/4), bem depurada porosa e com elementos não plásticos finos, apesar de se encontrarem algumas impurezas de grão pequeno e médio constituídas na sua maioria por óxido de ferro preto e vermelho. Superfícies cobertas a esmalte verde.

Diâm. 297 mm **Esp. bordo:** 20 mm **Esp. parede:** 12/7 mm

N.º 13 - Tigela - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 25)

Fragmento contendo porção de bordo boleado e de parede encurvada a abrir. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), bem depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular. Apresenta na face interna do bordo uma decoração simples de duplo filete em tom de azul claro. A parede da face externa está decorada com uma banda em tons de azul claro à qual se sobrepõe um motivo vegetalista estilizado em tons de azul cobalto.

Diâm. 150 mm **Esp. bordo:** 4 mm

N.º 14 - Tigela - Inv.C.C.96/S12 (Fig. 26)

Fragmento contendo porção de fundo. Este possui pé anelar. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, apesar de se encontrarem algumas impurezas de óxido de ferro vermelho. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa. Na parte interna apresenta parte de uma inscrição representada pela letra R entre dois pontos separadores colocados na zona central da letra, pintada a roxo vinoso de manganês .

Diâm. 61 mm **Esp. fundo:** 11 mm

N.º 15 - Tigela - Inv.C.C.96/S2 (Fig. 27)

Fragmento contendo porção de fundo. Este possui pé anelar. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/4), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, apesar de se encontrarem algumas impurezas de óxido de ferro vermelho. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e irregular na parte externa. Na parte interna apresenta parte de uma inscrição representada pela letra R entre dois pontos separadores colocados na zona central da letra, pintada a azul claro. Fragmento em tudo semelhante ao precedente.

Diâm. 60 mm **Esp. fundo:** 14 mm **Esp. parede:** 9 mm

N.º 16 - Tigela (?) - Inv.C.C.96/S2 (Fig. 28)

Fragmento contendo porção de parede curva. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/4), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos, embora se encontrem algumas impurezas de óxido de ferro preto, possui igualmente algumas bolhas de ar minúsculas e uma fenda de ar bastante pronunciada. Superfícies cobertas a esmalte branco, pouco espesso e rosado e um pouco oxidado na parte externa, com decoração geométrica de linhas paralelas e decoração vegetal estilizada em tons de azul cobalto na face interna.

Esp. parede: 12 mm

N.º 17 - Tigela (?) - Inv.C.C.96/S2 (Fig. 29)

Fragmento contendo porção de parede curva. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, apresenta fendas de ar e algumas impurezas de óxido de ferro negro. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, pouco espesso e denotando na parte interna uma grande lacuna. Na face interna o esmalte é menos brilhante e possui decoração vegetal estilizada em tons de azul cobalto.

Esp. parede: 11 mm

N.º 18 - Taça (?) - Inv.C.C.96/S3/M1 (Fig. 30)

Fragmento contendo porção de parede convexa. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), muito depurada, porosa e sem elementos não plásticos visíveis a olho nu. Superfícies esmaltadas de cor azul pálida (berrettino), está decorado no interior com composição vegetal esti-

lizada, na cor de azul cobalto. Na superfície exterior observa-se um conjunto de traços arqueados finos pintados a azul cobalto.

Esp. parede: 5 mm

N.º 19 - Alguidar - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 31)

Fragmento contendo porção de bordo e paredes de corpo. O bordo em aba horizontal é extrovertido e com lábio de secção semicircular. Foi fabricado com pasta branca acastanhada (10YR.8/4), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos. Superfícies cobertas a esmalte esbranquiçado de fraca qualidade com irregularidades e com partes já com “patine”. Apresentando na aba decoração organizada em banda delimitada por duplo filete azul claro na parte superior e quádruplo filete da mesma tonalidade. No interior apresenta dupla linha fina e ondulante do mesmo azul claro.

Diâm. 358 mm **Esp. bordo:** 9 mm **Esp. parede:** 7 mm

N.º 20 - Alguidar - Inv.C.C.96/S18/22 (Fig. 32)

Fragmento contendo porção de bordo e parede. O bordo possui lábio pendente e o corpo apresenta a forma troncocónica, com paredes convergentes. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, apresentando impurezas de óxido de ferro castanho escuro e algumas bolhas e fendas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco amarelado, pouco espesso e irregular, com decoração geométrica de linhas paralelas e possível motivo vegetal estilizado em tons de azul cobalto e verde na face interna. A parte superior do bordo encontra-se decorada por traços largos e oblíquos.

Diâm. 310 mm **Esp. bordo:** 26 mm **Esp. parede:** 8 mm

N.º 21 - Alguidar (?) - Inv.C.C.96/S12 (Fig. 33)

Fragmento contendo porção de fundo de base côncava. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/4), bem depurada, porosa e com alguns elementos não plásticos finos, possuindo algumas pequenas bolhas e fendas de ar, assim como pequenas impurezas de óxido de ferro preto. Superfície interna coberta a esmalte branco, pouco espesso, irregular e decorada a azul cobalto com motivos geométricos ou vegetais. A superfície externa não apresenta qualquer tipo de tratamento.

Diâm. 190 mm **Esp. fundo:** 10 mm **Esp. parede:** 6mm

N.º 22 - Alguidar (?) - Inv.C.C.96/S12 (Fig. 34)

Fragmento contendo porção de fundo. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, possuindo algumas pequenas bolhas e fendas de ar, assim como pequenas impurezas de óxido de ferro preto. Superfície interna coberta a esmalte branco, pouco espesso, irregular e decorada a azul cobalto com motivos geométricos ou vegetais. A superfície externa não apresenta qualquer tipo de tratamento. Fragmento em tudo semelhante ao anterior, devendo pertencer à mesma peça.

Esp. fundo: 10 mm

N.º 23 - Bacio - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 35)

Fragmento contendo porção de bordo e paredes de corpo. O bordo em aba é extrovertido e quase horizontal com lábio de secção sub-rectangular. O corpo apresenta forma troncocónica. Pasta branca amarelada (2.5Y8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos. Superfícies cobertas a esmalte esbranquiçado brilhante, pouco espesso e irregular na parte interna onde se encontram vestígios de vidro verde na parte final do corpo. Apresenta

duplo filete azul claro e decoração vegetal estilizada em tons de azul cobalto e vestígios de verde, na face externa. A aba do bordo encontra-se decorada por traços largos oblíquos que se tornam mais adelgaçados junto ao início do corpo.

Diâm. 200 mm **Esp. bordo:** 8 mm **Esp. parede:** 5 mm

N.º 24 - Bacio (?) - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 36)

Fragmento contendo porção de parede rectilínea com caneluras internas e externas. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, apresentando pequenas bolhas de ar e fendas, assim como algumas impurezas constituídas por óxido de ferro preto. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante, muito pouco espesso e pouco homogêneo, observando-se uma forte degradação ou desgaste da superfície esmaltada. Na parte externa, apresenta motivos com decoração geométrica de linhas concêntricas e/ou decoração vegetal estilizada em tons de azul cobalto e verde. É igualmente visível um duplo filete azul claro na parte inferior do fragmento. A peça apresenta marcas no lado externo de encosto de outra peça durante a cozedura.

Esp. parede: 10 mm

N.º 25 - Bacio (?) - Inv.C.C.96/S12 e S2 (Fig. 37)

Fragmentos contendo porção de parede rectilínea, com caneluras internas. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), depurada, um pouco porosa, com elementos não plásticos finíssimos e algumas pequenas bolhas e fendas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante. Na face interna são visíveis vestígios de pedaço de barro que colou na cozedura. Apresenta na parte externa uma decoração com motivo de trança em tons de azul cobalto. Na parte superior identifica-se a presença de tons verdes. Fragmentos semelhantes ao anterior.

Esp. parede: 8 mm

N.º 26 - Bacio (?) - Inv.C.C.96/S3/M1 (Fig. 38)

Fragmento contendo porção de parede rectilínea, com caneluras internas. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos e algumas pequenas bolhas e fendas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco brilhante. Na face interna são visíveis vestígios de verde e alguma degradação ou desgaste da superfície esmaltada. Apresenta na parte externa uma decoração geométrica em tons de azul cobalto e verde. Fragmento em tudo idêntico aos anteriores, devendo pertencer à mesma peça.

Esp. bordo: 7 mm

N.º 27 - Bacio (?) - Inv.C.C.96/S12 (Fig. 39)

Fragmento contendo porção de parede curva. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos, denotando-se algumas pequenas bolhas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco, apresentando já sinais de algum desgaste ou degradação, com decoração geométrica de linhas paralelas e oblíqua em tons de azul cobalto na face externa.

Esp. parede: 12 mm

N.º 28 - Prato/taça (?) - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 40)

Fragmento contendo porção de fundo anelar. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), muito depurada, porosa e sem elementos não plásticos visíveis a olho nu. Superfícies esmaltadas de cor azul acinzentado, está decorado no interior com exuberante decoração fitomórfica de cor azul escura e branca. Na superfície exterior observam-se parte de dois traços pintados a azul cobalto.

Esp. fundo: 9 mm **Esp. parede:** 5 mm

N.º 29 - ? - Inv.C.C.96/S18/22 (Fig. 41)

Fragmento contendo porção de parede. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finos, possuindo algumas pequenas bolhas e fendas de ar, assim como pequenas impurezas de óxido de ferro preto. Superfície externa coberta a esmalte branco, pouco espesso, irregular e decorada com motivos geométricos de linhas paralelas a azul cobalto e roxo vinoso de manganês, na face interna.

Esp. parede: 12 mm

N.º 30 - ? - Inv.C.C.96/S2 (Fig. 42)

Fragmento contendo porção de parede curva. Foi fabricado com pasta branca amarelada (5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos, embora se encontrem algumas impurezas de óxidos de ferro castanho, possui igualmente algumas pequenas bolhas e fendas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco, pouco espesso, rosado e com alguma “patine” na parte externa, com decoração vegetal estilizada em tons de azul cobalto na face interna. Fragmento em tudo semelhante ao n.º16.

Esp. parede: 12 mm

N.º 31 - ? - Inv.C.C.96/S3 (Fig. 43)

Fragmento contendo porção de parede curva. Foi fabricado com pasta branca amarelada (2.5Y.8/3), depurada, um pouco porosa e com elementos não plásticos finíssimos e algumas pequenas impurezas de óxido de ferro castanho e minúsculas bolhas de ar. Superfícies cobertas a esmalte branco e com alguma “patine”, pouco espesso e irregular na parte externa, com decoração geométrica de linhas paralelas e oblíqua em tons de azul cobalto na face interna.

Esp. parede: 12 mm

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se é verdade que algumas contribuições recentes têm sido feitas no estudo e classificação da faiança, pouco no entanto podemos acrescentar às palavras de Rafael Calado, que em 1987 se expressava deste modo: “O estudo da classificação de faiança portuguesa do séc. XVII é um assunto algo polémico, que sempre levantou dúvidas e deu lugar a discussões académicas. A falta de referências da origem e a escassez das datas, marcadas sobre as peças desta época, têm permitido diversas interpretações – nem sempre concordantes – dificultando um trabalho conclusivo aos investigadores e ceramógrafos.” (Calado, 1987). O comentário foi realizado num texto introdutório à publicação de Jan Baart (Barrt, 1987), obra pioneira que se tornou comumente uma obra de referência ao revelar os resultados das escavações realizadas num bairro em Amesterdão.

A obra de Baart veio aferir uma cronologia que baseada somente no estudo de peças museológicas, apenas fomentava a incerteza, como Rafael Calado afirmava. O investigador criou três períodos na sequência das faianças portuguesas do século XVII. Num primeiro período que ocorre entre 1600 e 1625 a faiança revelava fortes influências portuguesas tradicionais, italianas, espanholas e ainda, em menor escala, chinesas. Entre 1625 e 1650, o que caracteriza este segundo período é a imitação da porcelana chinesa associada a figurações europeias no centro dos pratos. O último período considerado, após 1650, tinha como principais características a pintura de figuras contornadas a manganês, família ornamental que outros designaram por “desenho miúdo”.

Reynaldo dos Santos, tinha em 1960, estabelecido cinco períodos para a faiança portuguesa desde o século XVI, momento das primeiras produções, até ao século XIX (Santos, 1960). Classificação cronológica em que se basearam muitos estudos, alguns deles bem recentes.

Outro passo decisivo foi sem dúvida o contributo de Steven Pendery (Pendery, 1999), que permitiu estabelecer uma tipologia para a faiança portuguesa do século XVII, ao analisar peças provenientes da costa atlântica dos Estados Unidos e comparando-a com o estudo de Baart e catálogos de museus.

O estudo das faianças de Alcoutim debateu-se com o estado embrionário dos conhecimentos. Alguns dos investigadores destas cerâmicas modernas em Portugal, como no caso de Porto e Gaia, afirmam que “o estudo, bem como o dos contextos funcionais e cronológicos em que surgiram, está também maioritariamente por realizar.” (Dórdio, Teixeira e Sá, 2001, p.120). Por outro lado o estudo das produções sevilhanas, origem que pensamos ter a maior parte dos fragmentos de Alcoutim, encontra-se ainda incipientemente conhecido, ou pelo menos por publicar. Em 1993, quando Carredano e Jiménez publicam pela primeira vez uma tipologia das cerâmicas comuns produzidas em Sevilha, Marchena e Carmona durante os séculos XV a XVIII, afirmam isso mesmo declarando que: “são praticamente inexistentes os estudos sobre cerâmica comum cristã da Baixa Idade Média e Moderna, no caso da Andaluzia” (Carredano e Jiménez, 1993).

Neste estado dos conhecimentos, em que se desconhece em parte a localização e se encontram por escavar a maioria das oficinas produtoras, pensamos que o conjunto das faianças provenientes da Casa dos Condes em Alcoutim pertence a três universos geográficos: Portugal, Espanha (muito provavelmente Sevilha) e Itália (Veneza/Faenza) e abarcam uma cronologia extensa desde os finais do século XV até ao século XVIII/XIX.

Este conjunto deve ser entendido como uma amostragem do que a sociedade moderna de Alcoutim utilizou como peças cerâmicas, revelando padrões de consumo e de abastecimento da vila neste tipo de produtos, não só a uma elite como os Condes de Alcoutim, mas também de outros sectores da sociedade, visto que os fragmentos provêm de uma camada de espessos entulhos, sem dúvida recolhidos no perímetro urbano.

BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza (1991) - *A faiança Portuguesa dos Séculos XVI a XIX em Vila Flor*, Recife, (policopiado – Tese de Mestrado).
- BAART, Jan; CALADO, Rafael Salinas (1987) - *Faiança portuguesa: 1600-1660. Lisboa - Amesterdão*. Amsterdams Historisch Museum/Ministério dos Negócios Estrangeiros/Secretaria de Estado da Cultura.
- BARREIRA, Paula; DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo (1998) - 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII, In DIOGO, J.M. e ABRAÇOS, H.C. (Coord. de), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*, Tondela, Câmara Municipal Tondela, pp. 145-184.
- CALADO, Rafael Salinas (1992) - *Faiança Portuguesa* [s.l.], Direcção de Serviços de Filatelia. Correios de Portugal.
- CALADO, Rafael Salinas (1993) - A Porcelana da China como Fonte de Inspiração da decoração da Faiança Portuguesa no século XVII, *Oceanos*, nº 14, Julho de 1993, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 76-83.
- CALADO, R. S.; FERNANDES, I. M.; RELMAO, R.; RIBEIRO, M. (1997) - *Faiança portuguesa do Ateneu Comercial do Porto*, Porto, Ateneu Comercial do Porto.
- CALADO, Rafael Salinas (2001) - Breve historial da faiança em Portugal. In *Itinerário da faiança do Porto e Gaia*, Lisboa, Museu Nacional de Soares dos Reis, pp. 13-26.
- CALADO, Rafael Salinas (2003) - *Faiança portuguesa da Casa-Museu Guerra Junqueiro – século XVII-XVIII*, Porto, Câmara Municipal do Porto.
- CARDOSO, Guilherme e RODRIGUES, Severino (1987) - Alguns tipos de cerâmica dos sécs. XI a XVI encontrados em Cascais, In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Lisboa, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 575-585.
- CARDOSO, Guilherme e RODRIGUES, Severino (1999) - Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontrados em Cascais, *Arqueologia Medieval*, (n.º6), Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp.193-212.

- CARREDANO, Fernando de Amores e JIMÉNEZ, Nieves Chisvert (1993) - Tipología de la cerámica común bajomedieval y moderna sevillana (ss. XV-XVIII): I, la loza quebrada de relleno de bóvedas, *SPAL. Revista de prehistoria y arqueología de la Universidad de Sevilla*, (2) Sevilla, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, pp. 269-325.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2002) - Mosteiro de S. João de Tarouca: 700 anos de História da cerâmica, *Estudos/Património*, (n.º3), Lisboa, IPPAR - Departamento de Estudos, pp.165-177.
- CASTRO, A. S.; SEBASTIAN, L. (2003) - A componente de desenho cerâmico na intervenção arqueológica no Mosteiro de S. João de Tarouca, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, (Vol. VI. n.º 2), Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, pp. 545-560.
- DORDIO, Paulo; TEIXEIRA, Ricardo; SÁ, Anabela (2001) - Faianças do Porto e Gaia: o recente contributo da Arqueologia, In *Itinerário da faiança do Porto e Gaia*, pp. 117-166, Museu Nacional de Soares dos Reis. Lisboa.
- FERNANDES, Isabel Cristina F. E CARVALHO, A.R. (1998) - Conjuntos Cerâmicos pós-medievais de Palmela, In DIOGO, J.M. e ABRAÇOS, H.C. (Coord. de), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*, Tondela, Câmara Municipal Tondela, pp. 211-255.
- GOMES V., Mário; GOMES V., Rosa (1991) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV, XV e XVI do poço-cisterna de Silves, In *A cerâmica medieval no Mediterrâneo Ocidental*, pp. 457-490, Campo Arqueológico de Mértola, Lisboa.
- GOMES V., Mário; GOMES V., Rosa (1996) - Cerâmicas vidradas e esmaltadas dos séculos XIV a XVI do poço-cisterna de Silves, *XELB*, (n.º3), Silves, Museu Municipal de Arqueologia/Câmara Municipal de Silves, pp. 143-205.
- GOMES V., Mário; GOMES V., Rosa (1998) - Cerâmicas dos séculos XIV a XVIII, da Praça Cristóvão Colombo no Funchal, In DIOGO, J.M. e ABRAÇOS, H.C. (Coord. de), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*, Tondela, Câmara Municipal Tondela, pp. 315-348.
- MUÑOZ, Pilar Somé e CAMBRA, Rosário Huarte (1999) - La cerâmica moderna en el convento del Cármen (Sevilha), *Arqueología Medieval*, (n.º6), Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp.160-171.
- OSÓRIO, M.P.; SILVA, A. P. (1998) - Cerâmicas vidradas da época moderna no Porto, In DIOGO, J.M. e ABRAÇOS, H.C. (Coord. de), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*, Tondela, Câmara Municipal Tondela., pp. 283-314
- PAIXÃO, António Cavaleiro, FARIA, João Carlos e CARVALHO, António Rafael (1994) - O castelo de Alcácer do sal. Um projecto de arqueologia urbana, *Bracara Augusta*, Vol. XLV, n.º97 (110), Braga, Câmara Municipal de Braga, pp. 215-264.
- PENDERY, Steven R. (1999) - Portuguese Tin-glazed Erthenware in Seventeenth-Century New England: A Preliminary Study, *The Journal of the Society for Historical Archaeology*, 33 (4). [s.l.], pp. 58-77.
- REAL, Manuel Luís; GOMES, Paulo Dordio; MELO, Rosário Figueiredo (1995) - Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX, In *Actas das 1as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 28 a 31 de Outubro de 1992*, Tondela, Câmara Municipal Tondela. pp. 171-186
- SÁ, Anabela P. de (2002) - *As Faianças do século XVII do Arquivo Histórico Municipal da Casa do Infante*, Porto (policopiado – Trabalho de Investigação).
- SÁ, Anabela P. de e DORDIO, Paulo, (no prelo) - A faiança portuguesa do século XVII da intervenção Arqueológica na Casa do Infante: elementos para a sua caracterização, *Revista Cale*, Porto.
- SANTOS, Reynaldo dos (1960) - *Faiança Portuguesa Séc. XVI e XVII*, Porto, Livraria Galaica.
- SANTOS, Reynaldo dos (1970) - *Oito séculos de arte portuguesa*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade.
- TEICHENER, Félix (1998) - A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa), In DIOGO, J.M. e ABRAÇOS, H.C. (Coord. de), *Actas das 2^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*, Tondela, Câmara Municipal Tondela, pp. 17-31.

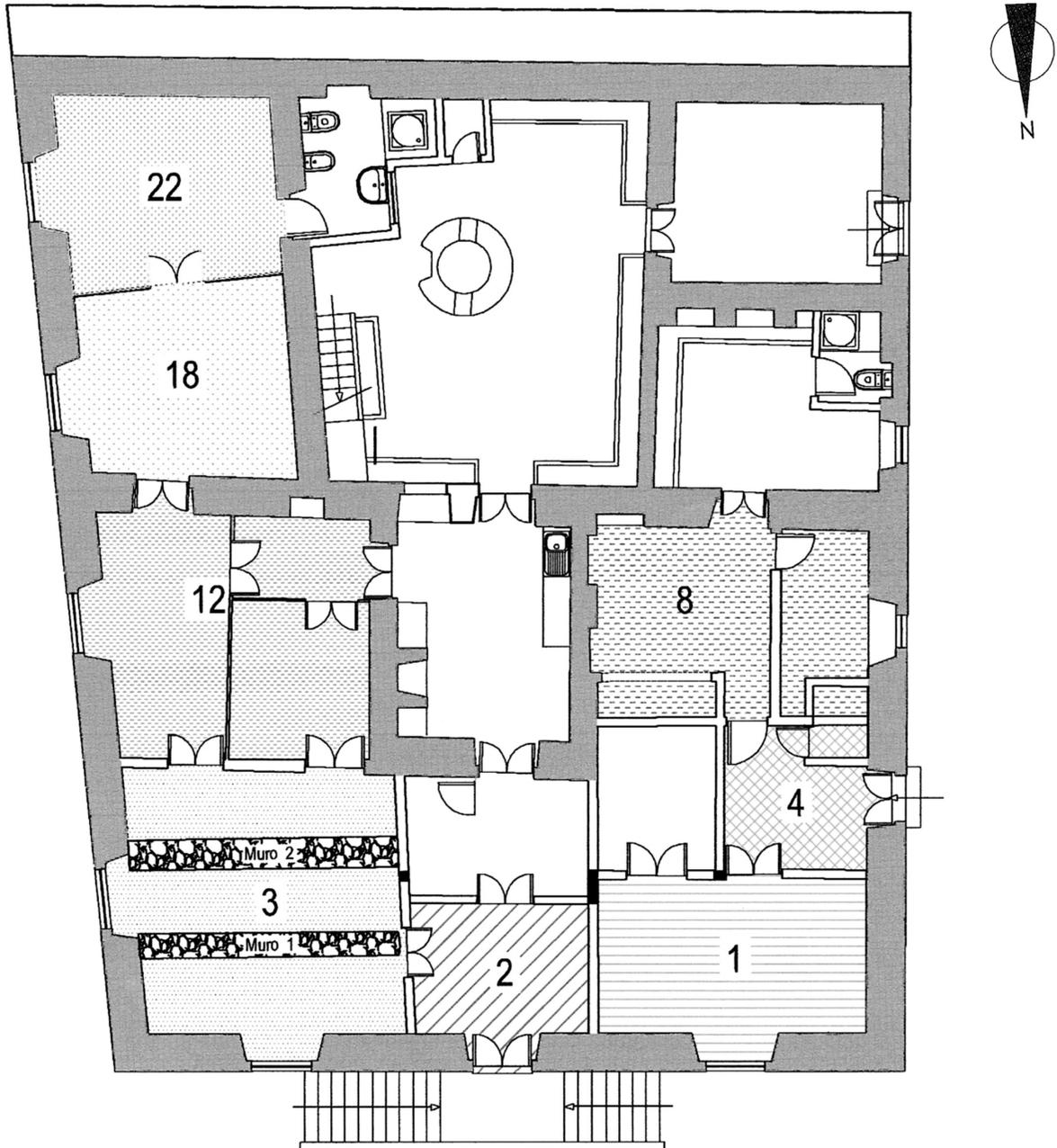


Fig. 1 – Planta da Casa dos Condes com indicação das salas onde se recolheu material e muros 1 e 2.¹

¹ Arranjo gráfico da Arq.ta Cláudia Pereira.



Fig. 2



Fig. 3

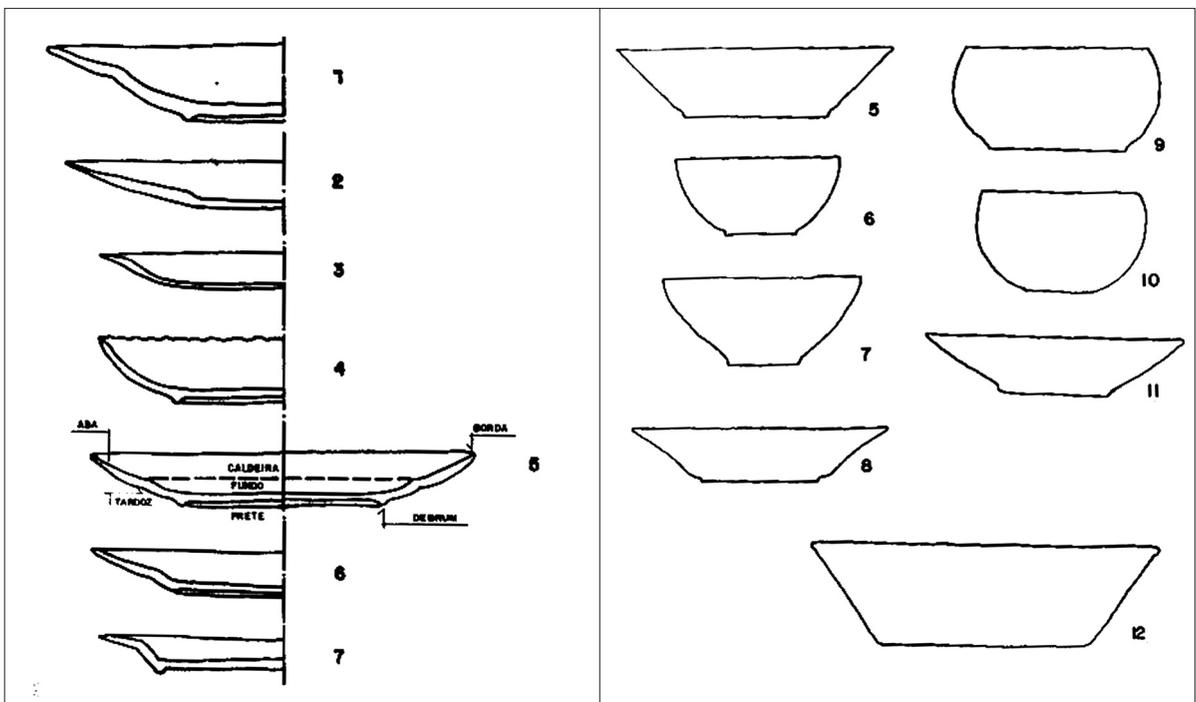


Fig. 5



Fig. 6

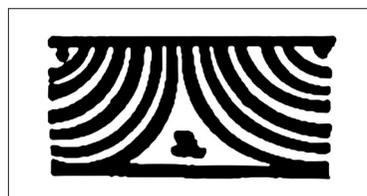


Fig. 7

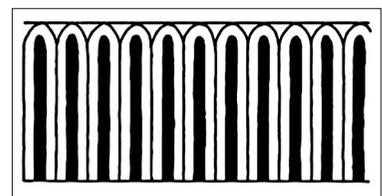


Fig. 8



Fig. 9

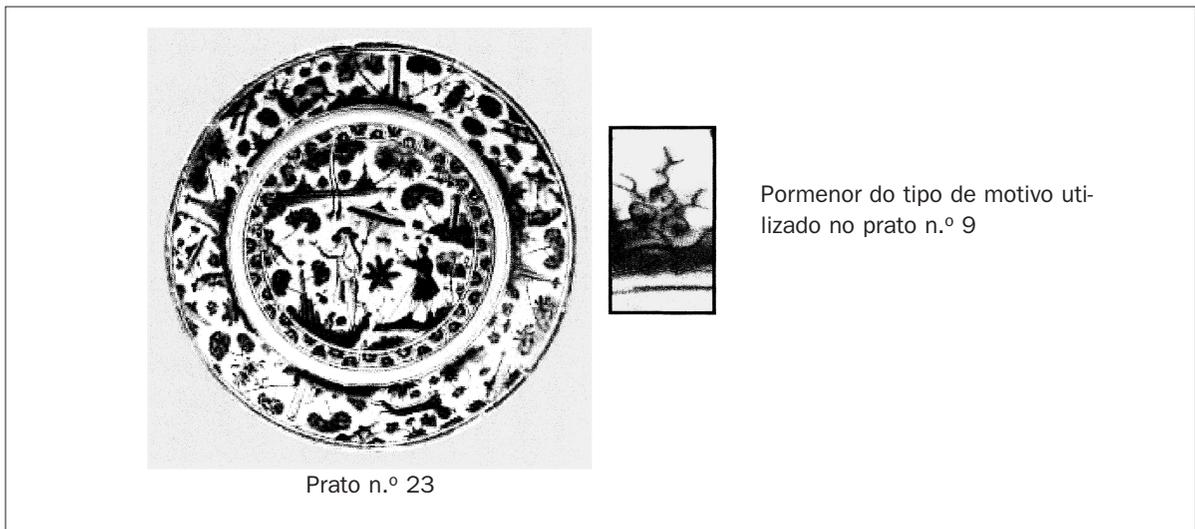


Fig. 10

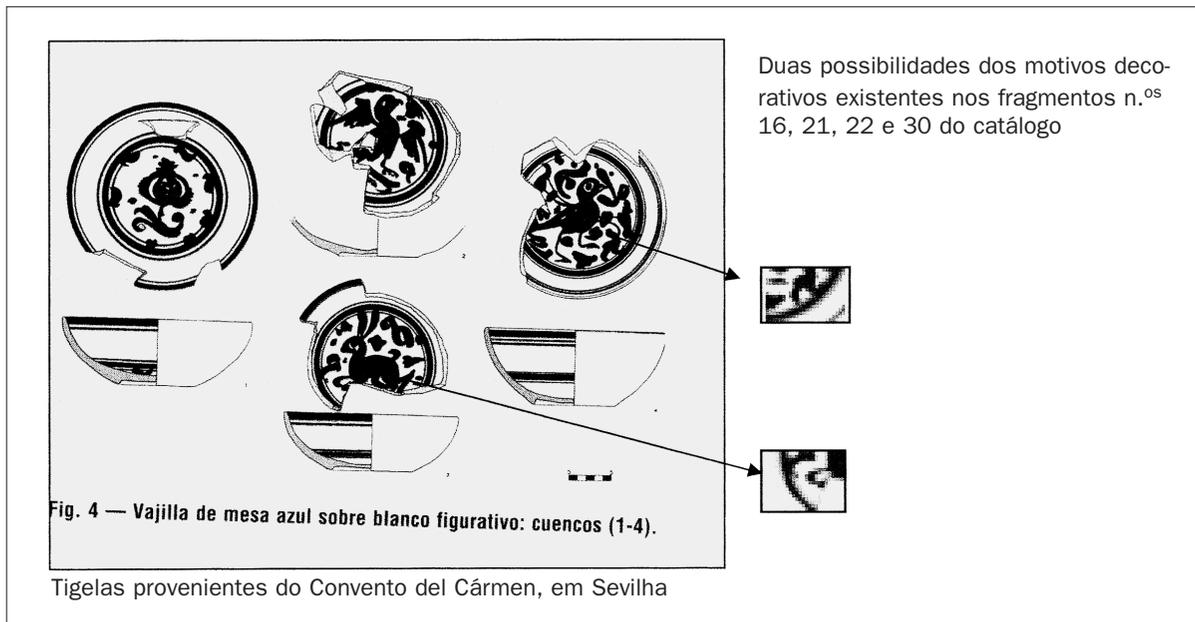


Fig. 11

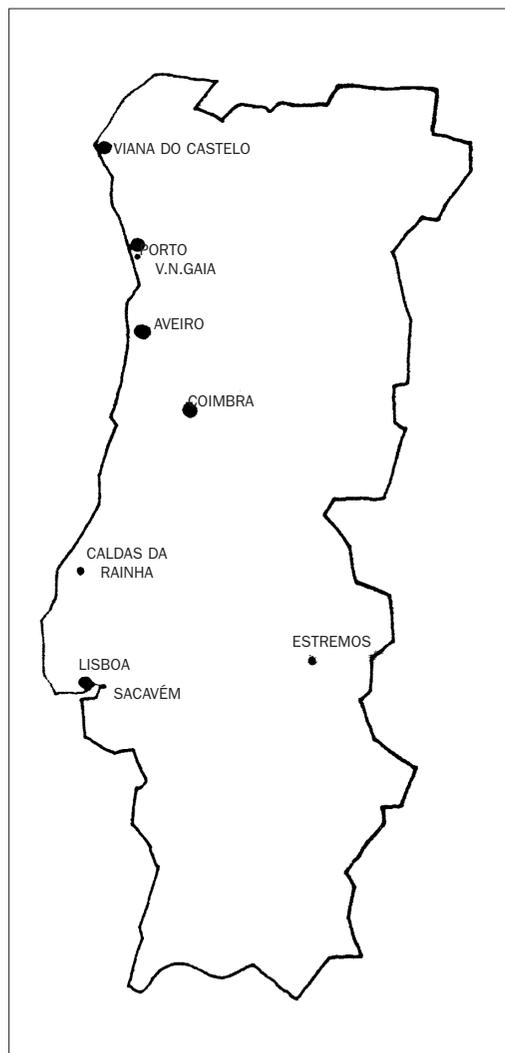
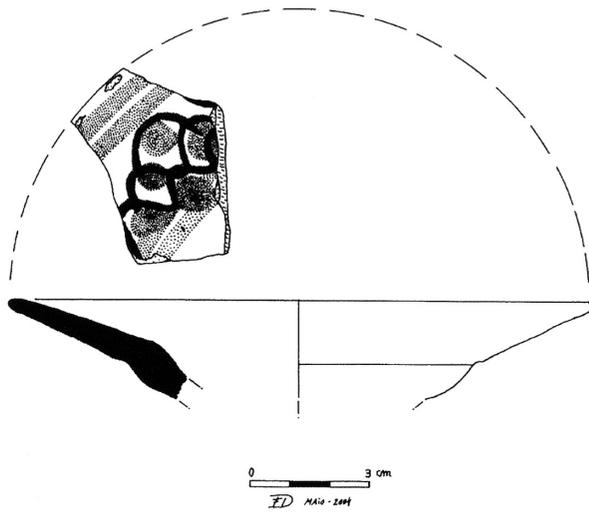
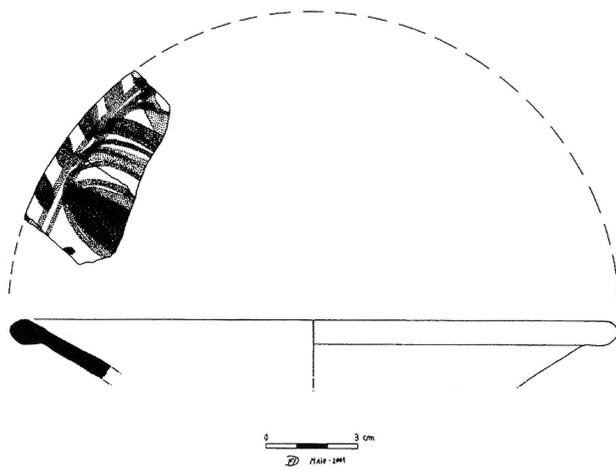


Fig. 12



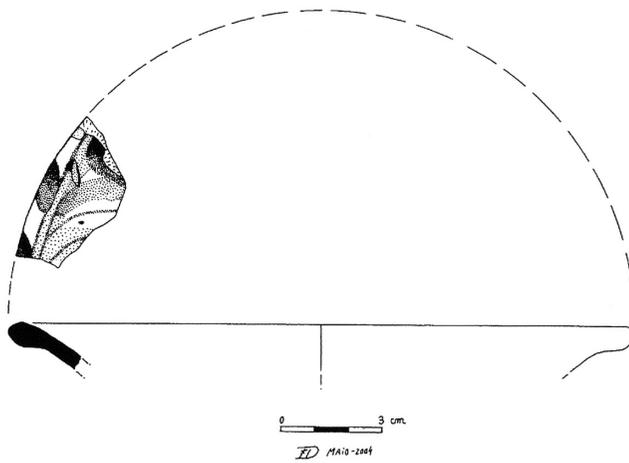
N.º 1 prato Inv.C.C.96/S3

Fig. 13



N.º 2 prato Inv.C.C.96/S3

Fig. 14



N.º 3 prato Inv.C.C.96/S12

Fig. 15

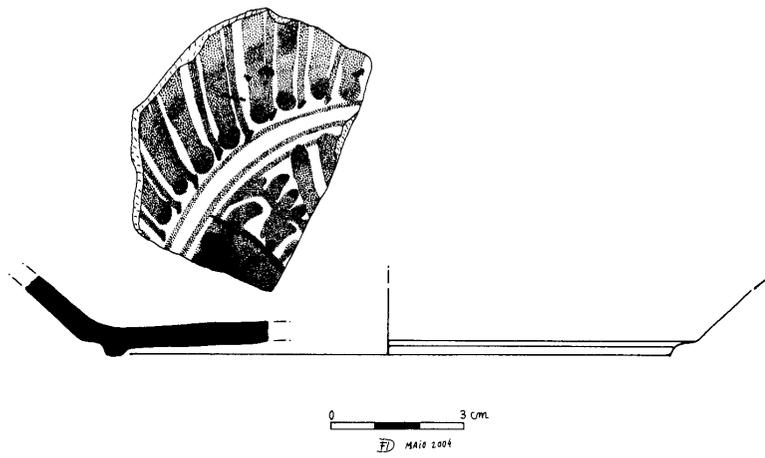
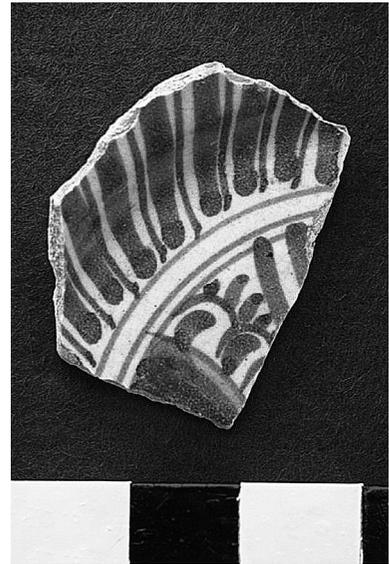


Fig. 16



N.º 4 prato Inv.C.C.96/S2

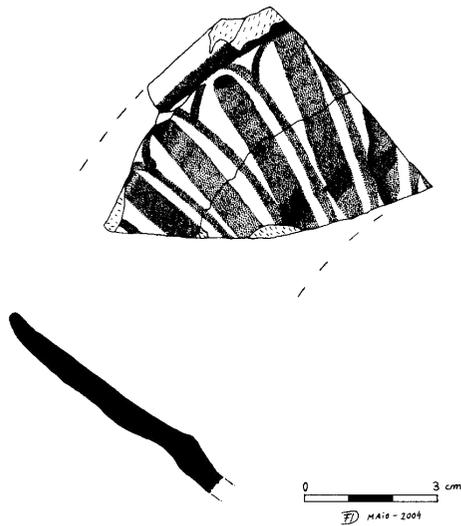


Fig. 17



N.º 5 prato Inv.C.C.96/S12

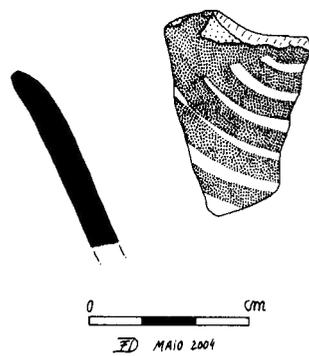
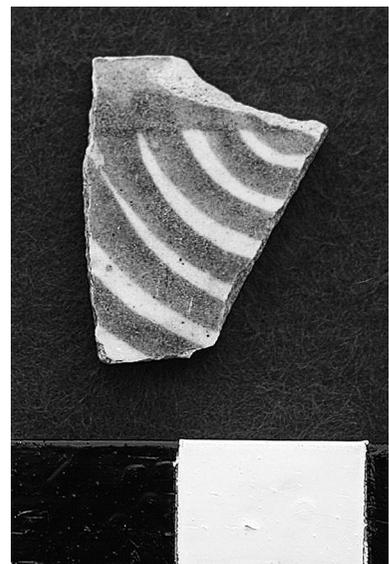


Fig. 18



N.º 6 prato Inv.C.C.96/S3/M2

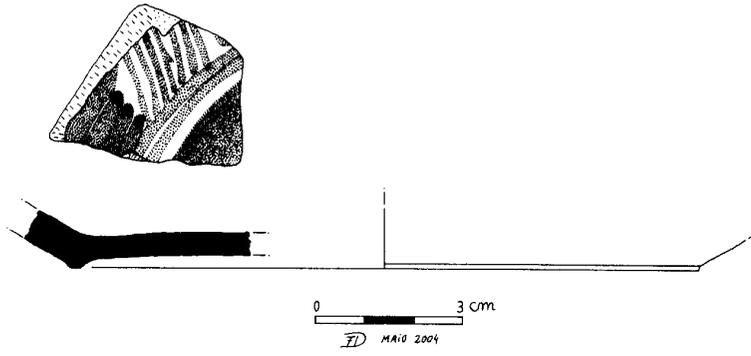


Fig. 19



N.º 8 prato Inv.C.C.96/S3/M1

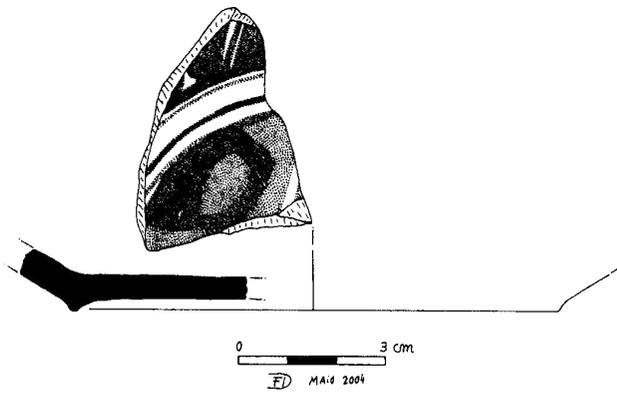
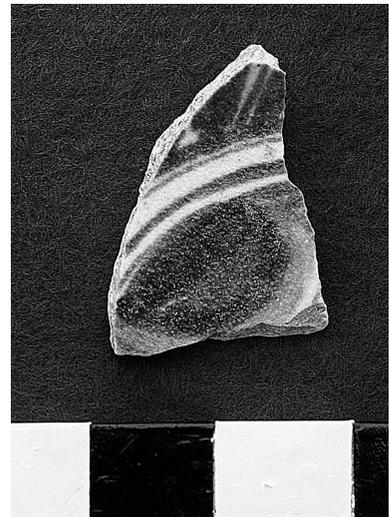


Fig. 20



N.º 7 prato Inv.C.C.96/S1

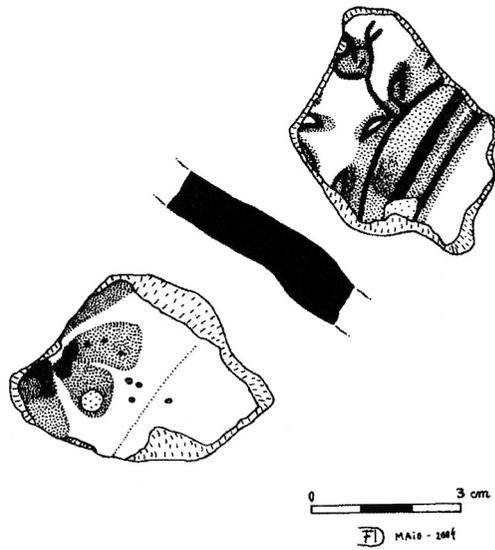
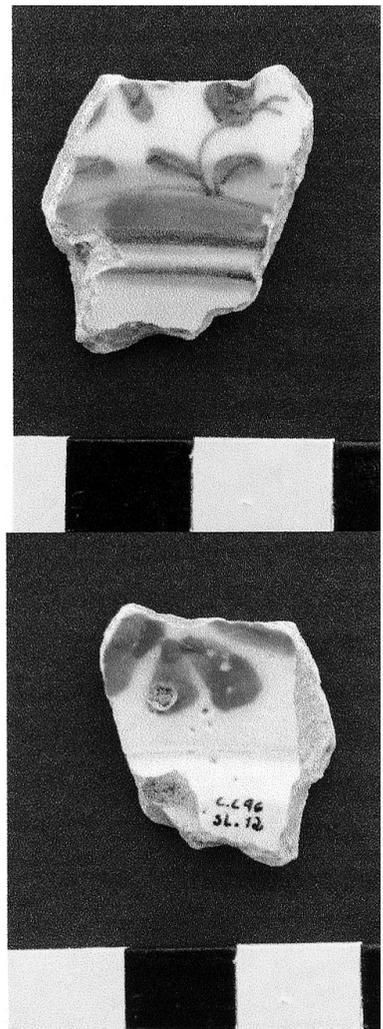


Fig. 21



N.º 9 prato (?) Inv.C.C.96/S12

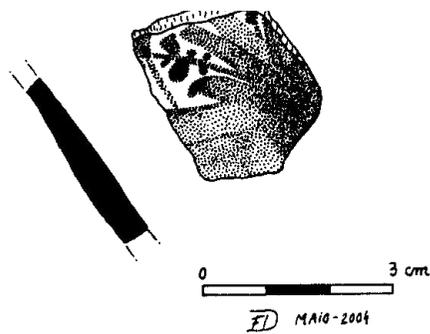
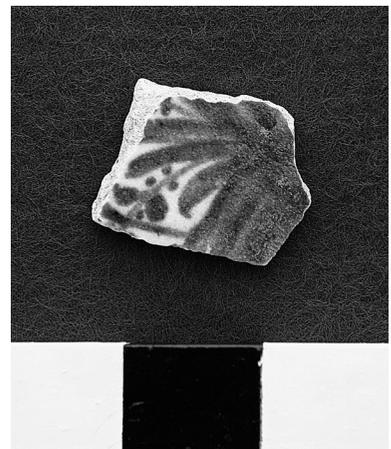


Fig. 22



N.º 10 prato (?) Inv.C.C.96/S3/M2

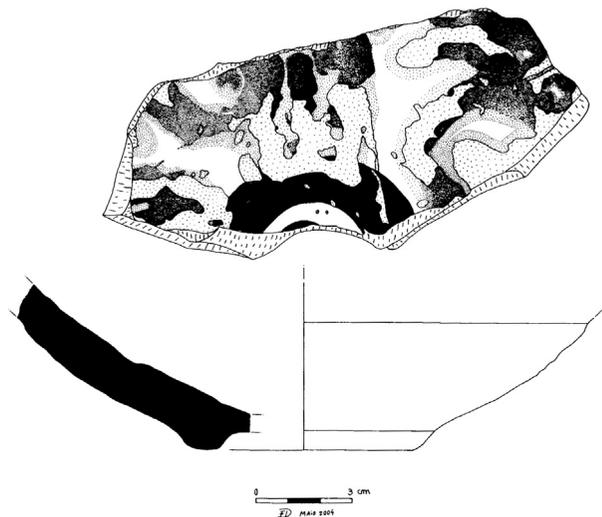


Fig. 23



N.º 11 tigela Inv.C.C.96/S2

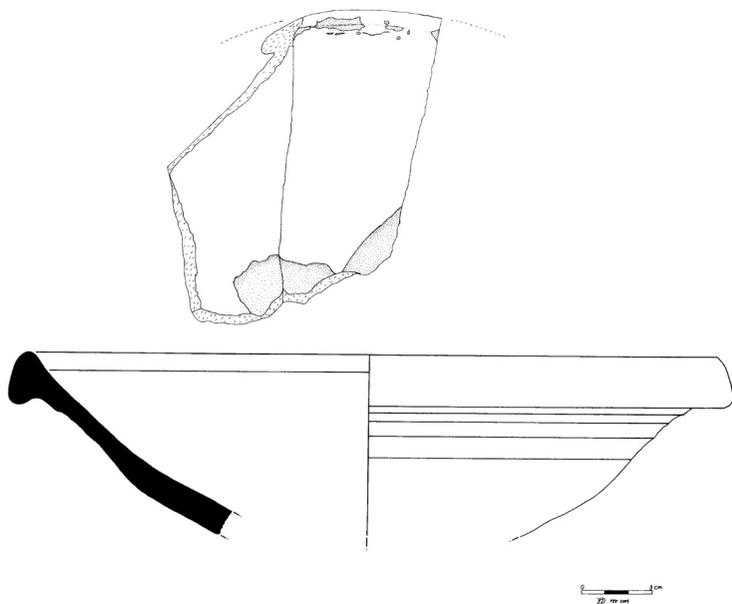


Fig. 24



N.º 12 tigela Inv.C.C.96/S2

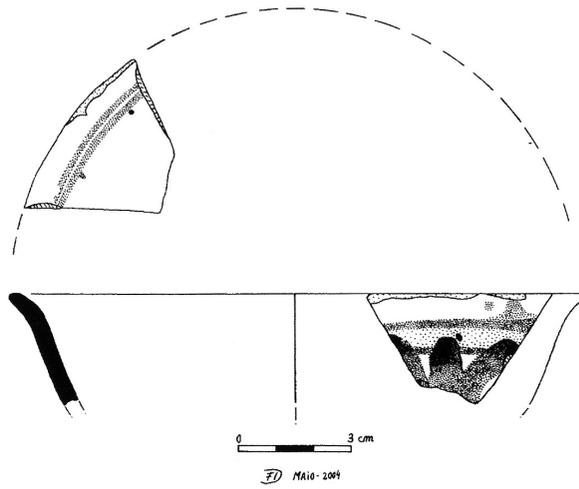
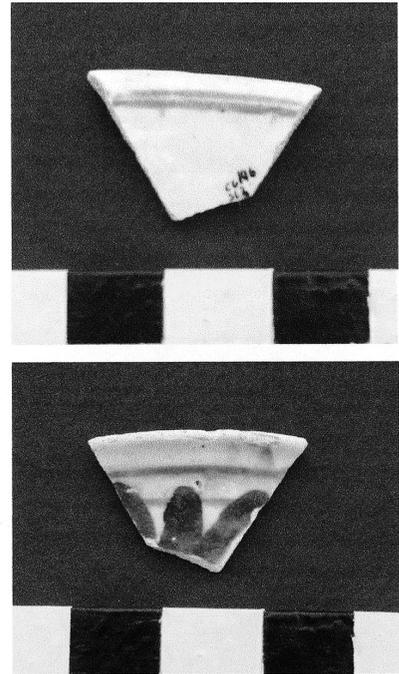


Fig. 25



N.º 13 tigela (?) Inv.C.C.96/S3

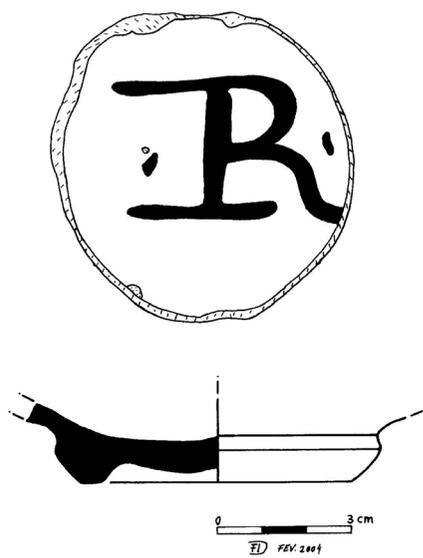


Fig. 26



N.º 14 tigela Inv.C.C.96/S12

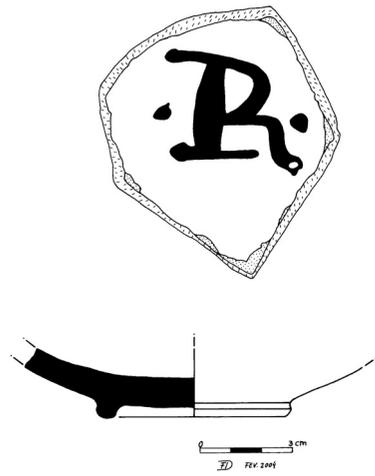
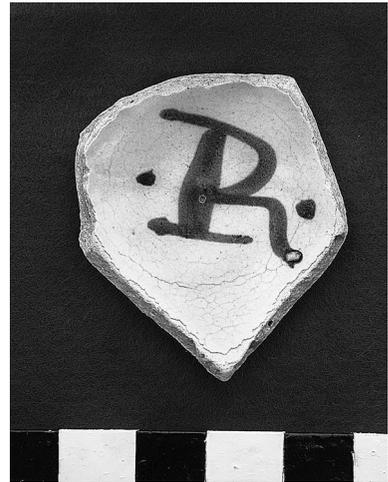


Fig. 27



N.º 15 tigela Inv.C.C.96/S2

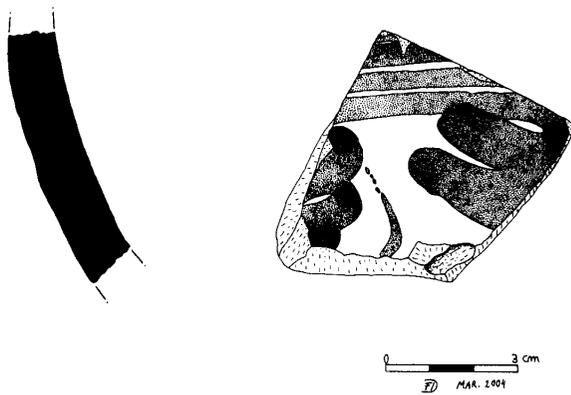
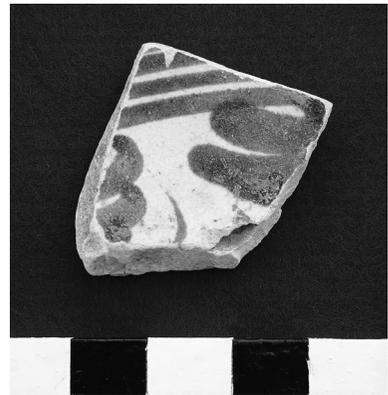


Fig. 28



N.º 16 tigela (?) Inv.C.C.96/S2

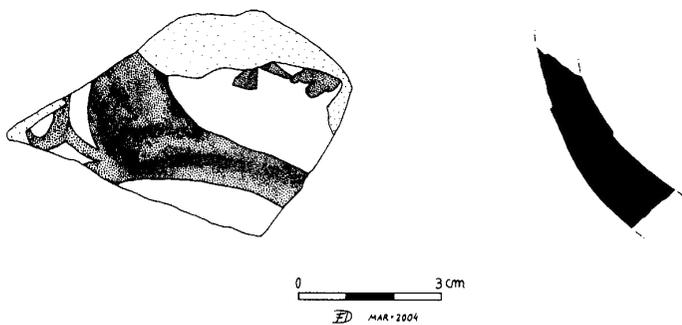


Fig. 29



N.º 14 tigela (?) Inv.C.C.96/S2

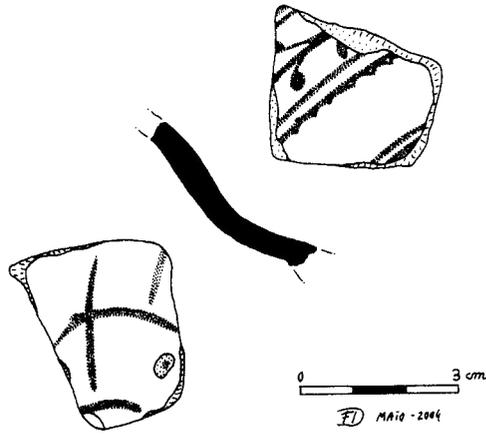
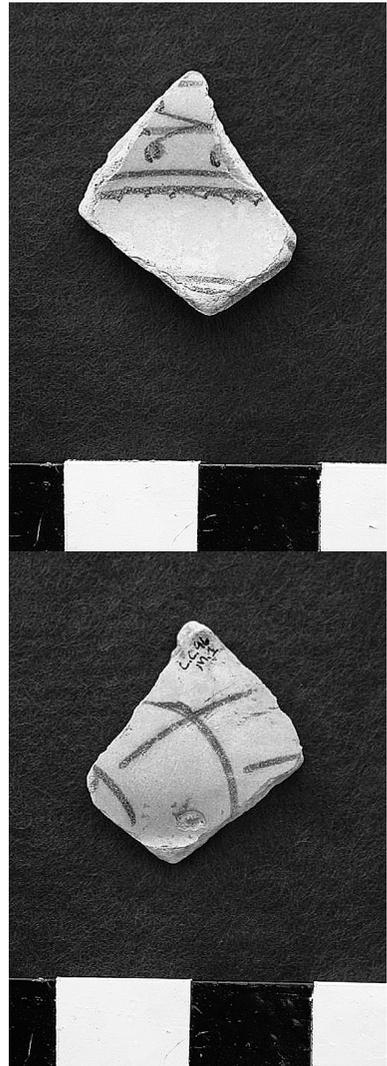


Fig. 30



N.º 18 taça (?) Inv.C.C.96/S3/M1

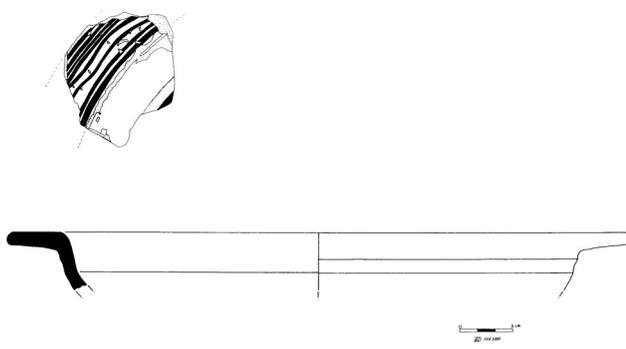
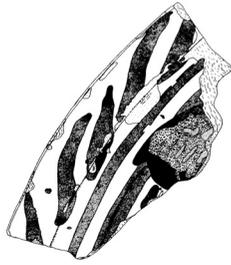


Fig. 31



N.º 19 alguidar Inv.C.C.96/S3



N.º 20 alguidar Inv.C.C.96/S18/22

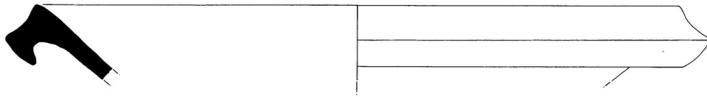


Fig. 32

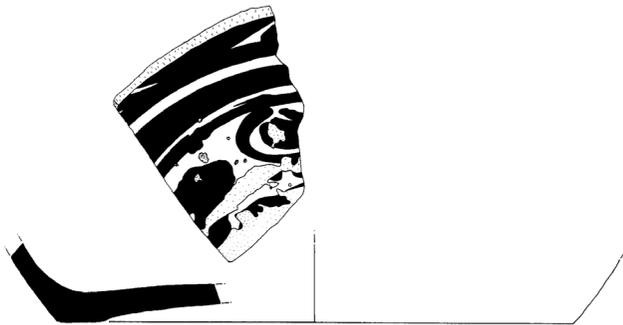


Fig. 33



N.º 21 alguidar (?) Inv.C.C.96/S12

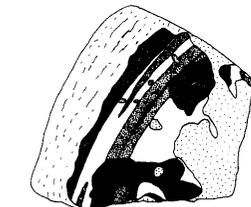


Fig. 34



N.º 22 alguidar (?) Inv.C.C.96/S12

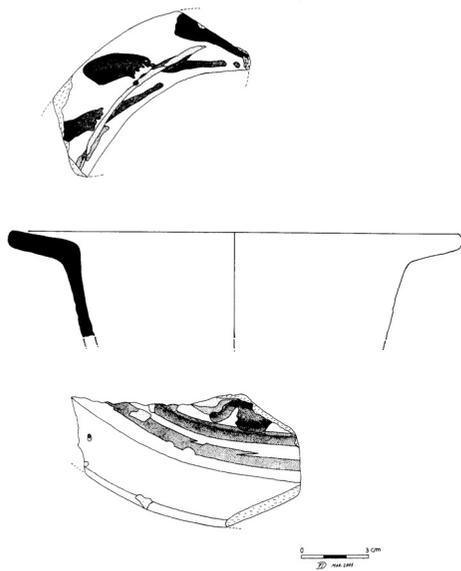


Fig. 35



N.º 23 bacio Inv.C.C.96/S3

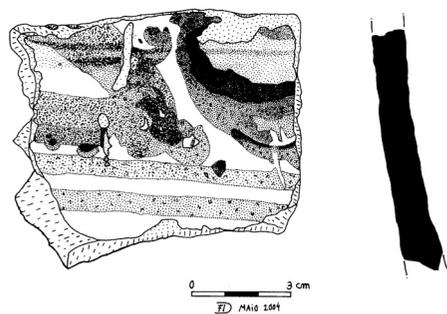


Fig. 36



N.º 24 bacio (?) Inv.C.C.96/S3

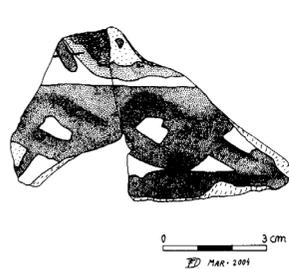


Fig. 37



N.º 25 bacio (?) Inv.C.C.96/S12 e S2

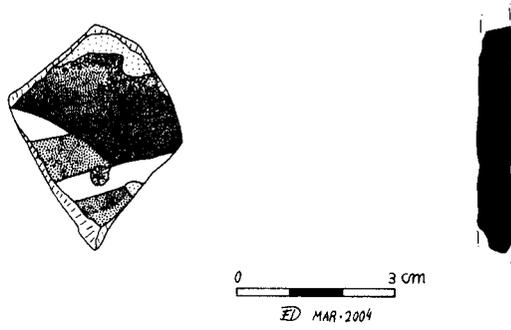
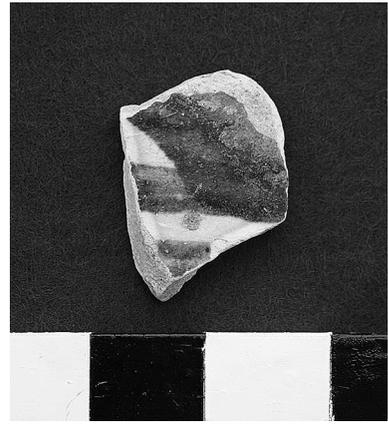


Fig. 38



N.º 26 bacio (?) Inv.C.C.96/S3/M1

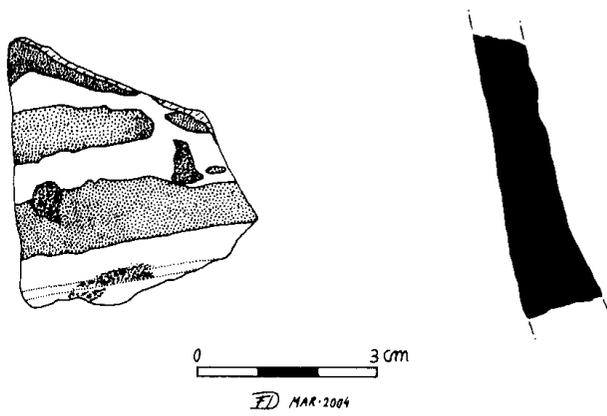
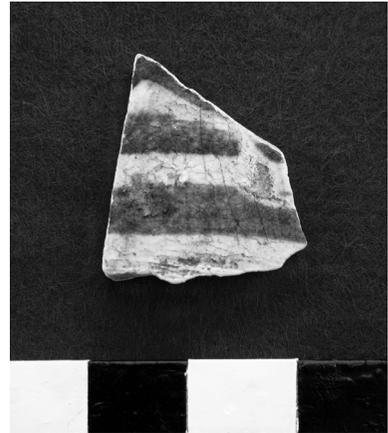


Fig. 39



N.º 27 bacio (?) Inv.C.C.96/S12

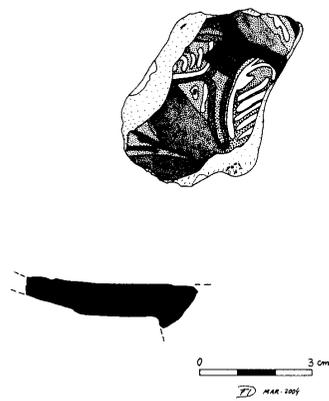
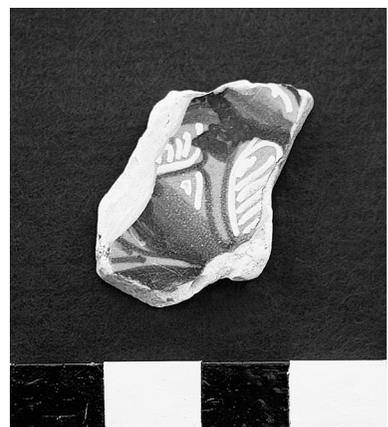


Fig. 40



N.º 28 prato/taça (?) Inv.C.C.96/S3

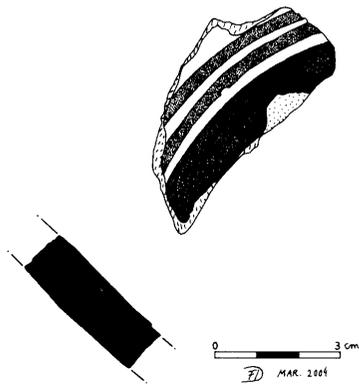


Fig. 41



N.º 29 – Inv.C.C.96/S18/22

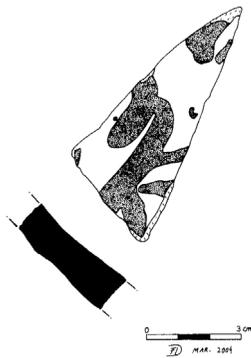


Fig. 42



N.º 30 – Inv.C.C.96/S2

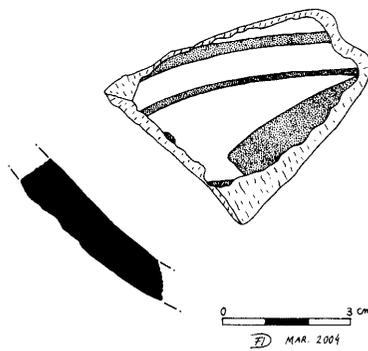


Fig. 43



N.º 31 – Inv.C.C.96/S3